



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

CRÍTICO: FLAVIO VIEIRA DE MELO¹

DIA: 09/11/19

CATEGORIA: RUA

PEÇA: ROMEU E JULIETA

GRUPO: CIA TALAGADÁ

CIDADE: ITAPIRA SP

Esquizofrênico e paranoico

Estes foram dois dos atributos dirigidos ao artista sergipano Arthur Bispo do Rosário, ao ser encaminhando ao hospital psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro em 1938. Por conta deste diagnóstico, Bispo foi retirado das ruas, permanecendo internado por mais de 50 anos.

A *paranoica esquizofrenia bispiana*, compõe a estética do espetáculo Romeu e Julieta da Cia. Talagadá – análogo à dramaturgia do conhecido inglês William Shakespeare – apresentado neste sábado, 09 de novembro pela programação do 41º FESTE na cidade de Pindamonhangaba. Trata-se de uma montagem cômica com personagens *bufonescos* e praticamente sem texto.

No Parque da Cidade, no meio da mata, em uma clareira agradável, o público foi tomado de súbito por cinco seres, atores bufões que adentravam o espaço cênico gritando e caminhando em direção ao público que, apesar de não entender nada do que diziam com a boca, entendiam tudo o que aqueles corpos expressivos, e muitas vezes sincronizados, mostravam. Vestidos com figurinos que lembravam trapos, compuseram a estética com uso da assemblage (colagem ou costura de tecidos e papel descartados).

A composição estética com referência na arte de Arthur Bispo do Rosário, mesclada com a atuação bufonesca criou um ambiente de loucura, mas, muito bem organizado e adequado à proposta que tinha, além dos elementos imagéticos, instrumentos musicais que eram verdadeiras quinilharias metálicas, o corpo e a voz.

Compõe ainda a intrigante proposta estética da peça, a relação entre público e atores. Não uma, mas por três vezes, propõem transcender a encenação e até a responsabilidade pela condução da peça, provocaram o público, e foram atendidos. A plateia leu em cena, em voz alta, felizes e voluntariamente, passagens da obra literária de Shakespeare e João Cabral de Melo Neto. Por algumas vezes, igualavam-se artistas e público.

Mostrando ainda uma sensibilidade contextual, o espetáculo apresenta manifestações críticas em diversos momentos: criaram uma cena da notícia falsa divulgando *Fake News*, sobre a morte de Romeu; enterram uma carteira de trabalho; subvertem toda a história da peça manipulando bonecas que se passavam pelos personagens principais.

¹ Ator, diretor e produtor de Teatro de Rua no grupo sorocabano Nativos Terra Rasgada a 17 anos. Com o grupo, foi contemplado em diversos editais Nacionais, Estaduais e municipais realizando mais de 1000 apresentações por mais de 50 cidades de sete estados brasileiros. Articulador da Rede Brasileira de Teatro de Rua – RBTR, e do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo – MTR/SP. Graduado em Teatro, Especialista em Metodologia do Ensino da Arte e Mestre em Educação – pesquisa: Teatro de Grupo: utopia e realidade de uma existência no tempo.



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

Tomando este ato de loucura coletiva por arte teatral, destaco dois elementos que, a meu ver, tornam-se descartáveis ao espetáculo: o uso da Teresa (aquela trança ou tira de tecido usada para marcar o limite espacial entre público e artistas), porque trai a proposta de encenação do grupo, uma vez que, em diversos momentos, os próprios atores invadem o “espaço do público” para brincar e pedir interação; e, o segundo, a captação do som que, para aquele espaço e aquelas condições, me pareceu ineficiente e desnecessária. Na apresentação a que me refiro, este recurso só apareceu quando falhou.

Mediante isso, Romeu e Julieta da Cia. Talagadá apresenta-se como uma peça insana. Por sorte nossa, uma insanidade que nos falta na busca pela completude humana. O espetáculo resgata uma das histórias mais conhecidas do mundo, e a conta com uma estética brasileira e criativa inspirada no gênio e louco, Arthur Bispo do Rosário. Desta vez, podemos não repetir a história, podemos abraçar a loucura e comemorarmos a liberdade criativa da arte. Viva a Cia. Talagadá, viva a loucura do Teatro de Rua, viva a resistência do FESTE.